



## **Ainda Espero Pela Nossa Dança**

Contradizendo os bons modos de escrever um editorial nas formas acadêmicas, peço licença para o rigor do ambiente ao deixar entrar nessas linhas os momentos que não pudemos viver neste ano, momentos que vêm embalados pela obrigação de perguntar, “será que sou natureza?”. Com essa pergunta ainda ecoando em meu corpo deixo que meus dedos brinquem se balançando numa rebeldia gravitacional entre os primeiros raios de sol que se espremem pela persiana do quarto, contra a parede começa a se desenhar um balé violento de formas incompletas, inconclusas, que se reúnem e dançam nas sombras nômades projetadas que buscam um sentido alegórico entre a inocência matutina do meu quarto e o desconhecido que circunda o mundo externo.

Perco o foco nos meus dedos ao notar que não reconheço o teto sob o qual estou, este aparece solitariamente amargurado, talvez por já ter sido revirado milhares de vezes pelos meus olhos em meio a essa pandemia. Em meu travesseiro insiste em permanecer o delicado perfume da flor que você usava, nos acusando de uma desconcertante luxúria de amantes irrefreáveis que se acariciaram tingidos por um luar taciturno. Respiro longamente esse jorro de noites passadas.

Imagino respirações pesadas, corpos nus, suados, aglomerados quase que tribalmente em quartos de hotéis baratos e em banheiros de bares, lembro da quase infinitude das águas da baía d’Os Santos que com seu horizonte parece querer transmitir algo que transcenda, em que a imaginação é capaz de aproximar visões de mundo pretéritas e atuais, e retorno ao meu quarto, na distância dos meus olhos encontro a prateleira que bambeia com livros que acumulam a poeira de meses de clausura e que simbolizam a mais tenra ambição em torno de um projeto de vida que é vacilante.

Me entrego sem reservas a cada parte dessa casa que sou obrigado a habitar, e percebo novas virtualidades no espaço ao meu redor como maneira de equilibrar minhas necessidades mais imediatas, enxergando cada cômodo como a representação de meus fragmentos que desejam e intentam alcançar aquilo que a janela sobre a cômoda exhibe, sem ter a certeza se isso que vejo são retalhos do que fomos.

Ávido para ter contato com alguma coisa que não seja eu mesmo, sigo palavras que chegam de lugares que nunca visitei e que insistem em me dizer que não sou natureza. Que a natureza, esta sim, é a água do rio, o rasgo do contínuo despudor, o raio da bruta tempestade, a macilenta fruta da árvore, o indomável divino.

Porque não sinto a sua presença, apenas a minha? Escrevo essa pergunta e me entrego pensativo, lembrando da nossa despedida, do nosso último abraço, e do amor que se realizou no possível, não no nosso imaginado. Acabo pensando que o eu e a natureza surgem como formas diferentes de uma mesma existência, que coabitam em nós segundo múltiplas solidariedades, assim como eu que passeio pelos cômodos da minha casa em busca de afirmações de mim mesmo. Essa natureza da qual nos falamos

não está apenas nos objetos, ela cria-se entre o objeto e sujeito, um às custas do outro. E no amor, também não é assim?

O vento que traz o murmúrio é o mesmo que balança o acaso, como que indicando uma pedagogia da natureza que é decifrada no meu íntimo, em suspensão, longe de ser uma mensagem etérea, é o próprio mundo com a sua linguagem, com minha vida, minhas circunstâncias, minhas possibilidades, me indicando que a natureza e eu, o que vejo e o que sinto, o que sou e o que poderia ser, se aproximam em um ecúmeno delimitado pelo meu corpo e pelos meus sentidos, marcado pelos seus planos, pelos meus sonhos, pelas suas paixões, na minha existência, numa objetividade que se fragmenta em mim, e que constrói identidades variadas afirmadas através do espaço que nos circunda.

Não consigo me separar de você. E nessa afirmação tão dolorosa, tão íntima, uma música heráldica excita o frisson em minha pele, nos comprometendo em uma dança mal ensaiada em que nossa performance imita a espiral dos nossos sentimentos, anunciando amantes apaixonados em um último encontro. Releio esses rabiscos que se agarraram em meus pensamentos me obrigando a escrever e vejo que na minha falta de estilo e em ideias pouco originais o que se instalou foram maneiras de tentar traduzir o meu sentimento ao olhar sua janela e, discretamente, descobrir seu quarto descortinado e sua luz acesa como indicativo de ansiosa espera, aguardando que nossos olhos se encontrem na transa mais ansiosa e desajeitada.

Com amor, ainda sigo dançando sozinho.

G.